

A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS FEMININO DA PERSONAGEM MARIA MOURA, DE RACHEL DE QUEIROZ

Caroline Batista F. Novais (PUC/SP)
carolinefantini@gmail.com

Nossa história revela que as mulheres foram sempre analisadas a partir da perspectiva do universo masculino e, por isso, consideradas inferiores aos homens. A imagem feminina, hoje, pode ser investigada a partir de marcas persuasivas seculares, que não estão necessariamente explícitas, mas se revelam implicitamente na construção argumentativa de documentos históricos ou da literatura. Na conquista da emancipação feminina, há exemplos de mulheres como Maria Moura, uma das personagens mais intrigantes de Rachel de Queiroz que, através de uma construção discursiva baseada no universo patriarcal, transpassa sua condição de “sinhazinha”, para assumir uma postura de mulher consciente de seu estar no mundo e que, por isso, luta pelos seus ideais. A partir do exposto, questiona-se: como, no plano discursivo, a influência masculina contribuiu para a constituição do ethos feminino da personagem? O romance de Raquel de Queiroz permitirá a busca de respostas. Como eixo estruturador desta pesquisa, buscou-se na Retórica, a constituição do ethos da personagem por meio da eficácia do discurso e de sua potencialidade persuasiva. Para fundamentar as bases persuasivas, lançamos mão dos postulados de Aristóteles em *Arte Retórica*. Em *Retórica das paixões* (2003), Aristóteles fornece justificativas para a afirmação: “quanto mais o homem aprimora a sua capacidade de lidar com a linguagem maior será a sua condição de transfigurar a posição de ‘ser natural’ para ‘ser social’”. Retóricas de ontem e hoje (2004), de Lineide Mosca, analisa como a Retórica implicou em controvérsias, discussões e, como consequência, de novas opiniões. Como bases históricas preliminares, as obras *Caetana diz não* (2005), de Sandra Lauderdale Graham, e *Anna de Assis: história de um trágico amor* (2009), de Jeferson de Andrade, foram valiosas para justificar como a sociedade patriarcal influencia na constituição da figura feminina e caracteriza um possível “ethos cultural”.